

Paródia ao primeiro canto dos Lusíadas de Camões por quatro estudantes de Évora em 1589

Manuel Luiz Freire et al.

Project Gutenberg

The Project Gutenberg eBook of Paródia ao primeiro canto dos Lusíadas de Camões por quatro estudantes de Évora em 1589

This ebook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this ebook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

Title: Paródia ao primeiro canto dos Lusíadas de Camões por quatro estudantes de Évora em 1589

Author: Manuel Luiz Freire

Manuel do Valle de Moura

active 1589-1619 Bartolomeu Varela

active 1608 Luís Mendes de Vasconcelos

Release date: December 20, 2006 [eBook #20149]

Language: Portuguese

*** START OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK PARÓDIA AO
PRIMEIRO CANTO DOS LUSÍADAS DE CAMÕES POR QUATRO
ESTUDANTES DE ÉVORA EM 1589 ***

Produced by Rita Farinha and the Online Distributed

Proofreading Team. The images for this file were generously made available by Biblioteca Nacional Digital (<http://bnd.bn.pt>).

PARODIA AO PRIMEIRO CANTO DOS LUSIADAS DE CAMÕES POR QUATRO ESTUDANTES DE EVORA EM 1589.

LISBOA.

NA TYPOGRAPHIA DE G. M. MARTINS.

Rua do Ferregial de Baixo, 22.

1880.

As honras da parodia só ás obras do genio costumam conceder-se. A divina Iliada foi parodiada em um poema heroi-comico tão antigo, que geralmente se attribue ao proprio Homero; ainda que Suidas lhe dá por auctor a Pigres, irmão da Rainha Artemisa. N'esse poema, intitulado a *Batrachomyomachia*, a terrivel luta dos Gregos e Troianos é reproduzida no maravilhoso combate dos ratos e das rãs. Esta corôa burlesca ainda faltava ao rival de Homero, quando o poeta Scarron *primeiro* marido da famigerada Marqueza de Maintenon, se lembrou de cantar:

..... cet homme pieux,
Qui vint chargé de tous se Dieux
Et de Monsieur son père Anchise,
Beau vieillard à la barbe grise, etc.

A grande obra do unico homem de genio que talvez tenha produzido a nossa terra, não podia isentar-se d'este fado inherente ás grandes celebridades. Eram apenas passados dezoito annos depois da publicação dos *Lusiadas*—ainda a reputação de Camões não estava consagrada pelos seculos, quando alguns homens engenhosos comprehenderam que aquella obra immortal era uma d'aquellas a que a parodia era devida. O resultado de seus trabalhos não é de certo para comparar com nenhuma das espirituosas producções que ficam mencionadas; mas ainda assim não é esta inteiramente destituida de merecimento. Francisco Soares Toscano, bem conhecido dos litteratos pelo seu *Parallelo de Principes*, escreveu uma interessante noticia sobre esta obra, em que nos conta o curioso modo por que ella foi composta. Quatro estudantes da Universidade d'Evora costumavam sair a passear, ás tardes, aos arrabaldes da cidade, levando comsigo os *Lusiadas*. Chegados a um verde ferrageal, sentavam-se a uma fresca sombra,

e se abria a sessão parodiadora. Assim como a engelhada e disforme mascara de uma velha megéra cobre o rosto radiante de formosura de uma elegante *Coquette*, para mais fazer realçar seus encantos, quando deixe cair aquelle hediondo disfarce; assim o immortal poema devia ser desfigurado por aquelles travessos estudantes. Os Gamas, Castros e Albuquerque tinham de ceder seu logar aos Catigelas, Lunas e Barbanças, barões sem duvida tão assignalados nos combates de Baccho como ess'outros nos de Marte.

Dois mezes durava aquella sessão extraordinaria; e já tão continuados passeios davam que fallar aos estudantes e tambem dariam que entender á Santa Inquisição d'Evora, se aquella sociedade secreta não fosse composta, como de facto o era, de quatro theologos, e tão orthodoxos, que um d'elles veio a ser Inquisidor Geral. Mas por fim appareceu a mysteriosa obra dos quatro patuscos, como hoje lhe chamaria um academico, e não sei se já então lhe chamavam. A este modo de composição de sociedade e ás muitas emendas que depois soffreu dos curiosos, como adverte Toscano, se deve talvez a confusão do enredo d'este poema. Parece que seus collaboradores tinham principalmente em vista inverter ao *de-vinho* cada verso que entrava em discussão, sem attender á coherencia do todo. É provavel que se propozessem a celebrar os mais famosos bebedores Evorenses, aos quaes alludissem, e talvez nomeassem por seus proprios nomes ou apellidos. Toscano, que os devia conhecer, assim o indica quando diz que tinha feito varias cotas a esta parodia para melhor se entender. Com effeito na est. XXX se faz menção de um *Pero Vaz*, que provavelmente é o mesmo christão-novo, bebado perdido, auctor do epigramma latino de que falla a noticia. Infelizmente para

a historia da *Borracheologia Lusitana*, cotas e epigramma tudo se perdeu.

Os collaboradores d'esta innocente profanação litteraria não são inteiramente desconhecidos. *Manoel do Valle de Moura*, natural de Arrayolos no Alemtejo, doutorou-se em Theologia na Universidade d'Evora, e chegou a ser Arcebispo d'esta diocese e Inquisidor geral. Contava vinte e cinco annos quando concorria para esta composição, e chegou a uma avançada idade. Além da obra *De Encantationibus et Ensalmis*, de que falla Toscano, e outras de não menor utilidade, Barboza o faz auctor de uma *Illustração á primeira Ode de Camões*. De certo não fez pouco Sua Rev.^{ma} se conseguiu lançar alguma luz sobre aquelle confuso ou estropeado poema. Nem *Bartholomeu Varella*, nem o Licenciado *Manoel Luiz*, tiveram a honra de encher as columnas da Bibliotheca Lusitana; mas João Baptista de Castro de ambos faz menção no seu Mappa de Portugal. Não é comtudo a Varella, como elle pensa, que cabem os louvores que lhe dá por esta composição burlesca. Manoel Luiz Freire—que assim lhe chama um Padre Francisco da Cruz, citado por Castro,—se deve ter como o principal e mais chistoso collaborador desta obra. As unicas noticias biographicas que d'elle sabemos, são as apontadas por Toscano em sua noticia. O quarto dos theologos, e ao que parece o mais theologo de todos, foi o pobre *Luiz Mendes de Vasconcellos*, cujo ronceiro estro só lhe pôde inspirar um unico verso. Não se confunda este obscuro individuo com o auctor do *Sítio de Lisboa* e da *Arte militar*, supposto fossem contemporaneos. Um dedicou-se á Igreja, o outro ás armas.

Esta parodia chegou a alcançar certa celebridade, ainda que até agora nunca fosse impressa. Eis-aqui o que d'ella diz Faria e Souza, fallando de outra de um soneto de Garcilasso, attribuida a Camões:

«Lo que mi poeta hizo conquel soneto de Garcilasso, pasándose de tanta gravedad a tanta picardia, hizo otro ingenio Portuguez con el canto 1.º de su Lusiada, intitulándole *Borrachera*; porque celebra en él á algunos aficionados del vino; y las mas de las otavas son bueltas á este proposito con gran felicidad.» E depois de dar como amostra os quatros primeiros versos da 1.ª oitava, prosegue: «El canto 2.º continuó (y no con menos felicidad) *Antonio de Magallanes y Menezes*, señor de la Ponte da Barca, que este ano de 1645, aqui en Madrid, me referió algunas estancias. Yo, quando en mi mocedad atendia á esto, bolvi tambien algunas, de que se me acuerdan los primeros quatro versos de la 90 del canto 5.º, que son:

Da boca de facundo capitão, &c.

y mi rebuelta dice deste modo:

Da boca do fecundo borrachão
Pendendo estavam todos bem bebidos,
Quando deu fim a grande inundaçãõ
Dos altos copos grandes e subidos!»

(*Comment. ás Rim. Tom. 1.º pag. 354*).

FESTAS BACCHANAES:

CONVERSÃO DO PRIMEIRO CANTO DOS LUSIADAS DO GRANDE LUIZ DE CAMÕES VERTIDOS DO HUMANO EM O DE-VINHO POR UNS CAPRICHOSOS AUCTORES: S.

O DR. MANOEL DO VALLE, BARTHOLOMEU VARELLA, LUIZ MENDES DE VASCONCELLOS, E O LICENCIADO MANOEL LUIZ, NO ANNO DE 1589.

* * * * *

NOTICIA.

Esta obra da conversão do primeiro canto do poema de Luiz de Camões se fez no anno de 1589, para a qual concorreram quatro pessoas, a saber: o *Dr. Manoel do Valle*, deputado da Santa Inquisição, que compôz o livro dos Ensalmos em latim, que agora imprimiu: outro foi *Bartholomeu Varella*, natural de Vianna, junto a Evora, o qual falleceu, que era irmão de Diogo Pereira, que foi este anno ás Côrtes, que El-rei D. Filippe II fez em Lisboa, por Procurador d'esta cidade de Evora. Foi Bartholomeu Varella clérigo e grandissimo poeta. O terceiro foi *Luiz Mendes de Vasconcellos*, criado do Arcebispo D. Theotónio; o qual posto que não era poeta, se achou ao fazer da obra; e só fez um verso, que é o ultimo da

oitava 17; porque estando elles suspensos no cuidado de completarem a dita oitava e parados no verso que diz:

Porque este é o que aguenta a velha idade, acudiu o dito Luiz Mendes, concluindo:

Desterrando a agua-pé d'esta cidade.

O quarto e principal auctor foi o Licenciado *Manoel Luiz*, Bacharel; e este anno de 1619 vive com o Priorado de Terena. Este foi o promovedor d'esta obra, e a fez quasi toda, ou o melhor d'ella.

Quando a fizeram eram então todos theologos; e ás tardes, acabado o estudo, sahiam pela porta de Machede, e assentados em um ferrageal, iam traduzindo para a bebedice as taes oitavas de Camões, fingindo uma embarcação de Lisboa para Evora, como Camões a de Portugal para a India Oriental; e compozeram a tal obra dentro em dois mezes, no cabo dos quaes sahiram com ella: sendo que já os estudantes suspeitavam de alguma applicação (posto que não soubessem de certo o que era) pelos verem ir todas as tardes para fóra dos muros, e communicarem seus papeis, sem darem conta d'isso a ninguem.

Finalmente, sahida a obra, foi muito festejada e estimada de todos; e lendo-a o Padre Ferrer, castelhano (varão doutissimo da Companhia, do qual o Dr. Manoel do Valle traz uma carta no seu livro) e fallando-se n'ella, costumava dizer, que era a melhor obra que nunca sahira nem elle vira, se não fosse tão suja.

Depois, como se divulgou, cada um a quiz emendar como entendia, d'onde vem andarem hoje as copias com tanta diversidade de leituras. Porém eu, esta que aqui vae, a trasladei do proprio

original e letra de Bartholomeu Varella, que está em poder do Chantre da Sé d'esta cidade, Manoel Severim de Faria, que a houve do dito Varella, e lhe fiz algumas cotas para intelligencia da obra.

Isto me parece basta para se saber o como esta obra se fez. E eu *Francisco Soares Toscano* o fiz aos 10 de Janeiro de 1619.

FESTAS BACCHANAES.

ARGUMENTO.

*Fazem concilio os bebados de porte,
Oppõe-se aos Bagulhentos Pedro ingente;
Favorece-os o Catigela forte,
No Lamarosa tem seu lava-dente.
De inveja Lyeo lhes busca a morte,
Descendo a Monte-mór contra esta gente,
Que vê em rio Mourinho a acção traidora,
E a Peramanca chega vencedora.*

I.

Borrachas, borrachões assignalados,
Que de Alcochete junto a Villa Franca,
Por mares nunca d'antes navegados
Passaram inda além de Peramanca:
Em pagodes, e ceias esforçados,
Mais do que se permite a gente branca,

Em Evora cidade se alojaram,
Onde pipas e quartos despejaram:

II.

Tambem as bebedices mui famosas
D'aquelles que andaram esgotando
O imperio de Baccho, e as saborosas
Agoas do bom Louredo devastando;
E os que por bebedices valerosas
Se vão das leis do reino libertando;
Cantando espalharei por toda a parte,
Se a tanto me ajudar Baccho, e não Marte.

III.

Cessem do Novellão, do gran Barbança
As grandes bebedices que fizeram;
Cale-se do Rangel e do Carrança
A multidão dos vinhos que beberam,
Que eu canto d'outra gente e d'outra lança,
A quem frascos de vinho obedeceram:
Cesse tudo o que a musa antiga canta,
Que outro beber mais alto se alevanta.

IV.

E vós, bacchanaes nymphas, pois creado
Em mim tendes a sêde tão ardente,
Se sempre em largo copo espraído
Festejei vosso vinho alegremente,
Dae-me agora um bom papo despejado
Para beber á perda co'esta gente,
Porque de vossas agoas Baccho ordene
Um rio para bebados perenne.

V.

Dae-me uma vasilha mui cheirosa,
Seja de bom licor, não saiba a arruda,
De Peramanca seja que é gostosa,
O peito esforça, a côr ao gesto muda;
Dae-me igual nome ás tassas da famosa
Gente vossa que Baccho tanto ajuda;
Que se espalhe, e se cante no universo,
Se tanta bebedice cabe em verso.

VI.

E vós, Fernan Gonçalves, segurança
Das festas de Lyeo em esta idade,
Podeis atravessar com confiança
Quantas adegas ha n'esta cidade:
Vós, mano, nosso amor, nossa esperança,
A quem só promettemos lealdade,

Pois Baccho a nós vos deu por cousa grande,
Seja a medida assim de quem a mande.

VII.

Vós só tendes o ramo florescente
Da arvore de Cybele mais amada,
Que nenhuma nascida em Benavente
Ou pelo rio abaixo até Almada.
Vêde-o nas toalhas, que presente
Vos mostra a bebedice já passada,
Nas quaes vivas lembranças vos deixou
O que de vinho mais se carregou.

VIII.

Vós, alto taverneiro, cujo imperio
O bebado em se erguendo vê primeiro,
Ou beba n'este nosso hemisferio,
Ou beba lá n'esse outro derradeiro:
E nem por isso sente vituperio
O fidalgo, o estudante, o cavalleiro,
Antes o Turco, o Mouro, e o Gentio
Lhes pêza não beber do vosso rio:

IX.

Inclinae por um pouco a magestade,
Que no azamboado rosto vos contemplo,
Quando fordes c'os mais d'esta cidade
Offertar-vos a Baccho no seu templo:
Os olhos da real bebecidade
Ponde no borrachão, vereis exemplo
De amor de vossos vinhos saborosos
Por bebados louvados espantosos.

X.

Então vereis se sois bem conhecido
De todos os amigos de Falerno;
Que não é pouco ser obedecido
No estio, primavera, outono, inverno:
Ouvi, vereis o nome engrandecido
D'aquelles de quem sois senhor superno;
E julgareis qual é mais excellente
Se ser do mundo rei, se de tal gente.

XI.

Ouvi, que não vereis com vãs façanhas
Fantásticas, fingidas, mentirosas,
Louvar os vossos, como nas estranhas
Musas, de engrandecer-se desejosas:
Bebedices dos vossos são tamanhas,
Que excedem as sonhadas fabulosas,

Que excedem ao primeiro vinhateiro,
E a Baccho inda que fôra verdadeiro.

XII.

Por estes vos darei um Claudio fero,
Que fez a Peramanca tal serviço,
Um fulano Coutinho, que de mero
A borracha para elle só cubiço.
Pois pelos doze Pares dar-vos quero
Uns doze que sobre um pobre chouriço
Entornaram tão rijo que de cama
Um monte lhes serviu d'esterco e lama.

XIII.

E se a troco de Nun'alvres e Barbança
Ou do Luna quereis igual memoria,
Vêde primeiro a Pedro, cuja lança
No beber escurece qualquer gloria;
E aquelle que do enxame a segurança
No copo só quiz ter, por ter victoria;
Aquelle Diogo, invicto cavalleiro,
Que em quatro não é quarto, mas primeiro.

XIV.

Nem deixarão meus versos esquecidos
Aquelles que na sêde gastadora
Se fizeram no copo tão subidos,
De Lyeo a bandeira vencedora:
Um Daniel fortissimo e os temidos
Lacaios, por quem sei que sempre chora
Da Chamusca e Louredo o vinho forte,
E outros a quem Thetis causa a morte.

XV.

Em quanto a estes canto, e a vós não posso,
Bom Fernando, que não me atrevo a tanto,
Essa mão alargae ao vinho vosso,
Dareis materia a nunca ouvido canto.
Começarão a fugir d'agoa do poço
Os que em vêl-a sómente tem espanto,
Que em pagodes, merendas e jantares
Empinar querem só de Baccho os mares.

XVI.

Em vós os olhos tem o Mouro frio,
Frio, que usar de vós lhe não é dado;
Pelo contrario o barbaro gentio
Com desejo de ver-vos 'stá squentado;
Peramanca o vermelho senhorio
Vos tem s'enviuvaes aparelhado;

Que pois em dar seus bens sois brando e tenro,
Deseja de comprar-vos para genro.

XVII.

De Castella se veem n'essa morada
Agoas de duas côres deleitosas,
Quando a nossa cidade está esgotada,
Inda que o gesso as faz menos gostosas;
C'o licor novo espera ser tirada
A reima das entranhas sequiosas,
Porque esse é o que aquece a velha idade
Desterrando a agoa-pé d'esta cidade.

XVIII.

Mas em quanto com novo não me alento,
Reparti com os pobres que o desejam;
Ide largando d'elle, com intento
Que seus poucos reales vossos sejam.
Assi recolhereis o nosso argento,
E de todos aquelles que festejam
Por tal ordem a Baccho celebrado,
Que costumam beber cada bocado.

XIX.

Já de lá d'Alcochete caminhavam,
As fermosas borrachas apertando,
E depois de vasias as largavam,
Outras d'outro licor melhor tomando,
De branca espuma os copos se mostravam
Cubertos ao beber não lhe assoprando;
Mas as agoas nem doces, nem salgadas
D'ellas vistas não foram nem provadas.

XX.

Quando Francisco, bebado espantoso,
Que em copo, frasco, taça é eminente,
Se ajuntou em conselho, desejoso
De dar favor a toda aquella gente.
Pisando esse caminho tão famoso
Da rua das adegas prestemente,
Convocados da parte do entornante
Por um já n'outro tempo bom tocante.

XXI.

Deixam dos sótãos frios o aposento
Que para beber n'elles lhe foi dado,
Obedecendo logo ao mandamento
De um bebado tão nobre e tão honrado.
Alli se acharam juntos n'um momento
No bairro de Reimonde celebrado,

Os da Porta d'Avis e outros onde
As suas casas grandes tem o Conde.

XXII.

'Stava Francisco alli sublime e dino,
Vermelho como os raios de Vulcano;
Por sceptro tinha um copo crystalino
De cheiroso licor, mas não d'este anno;
Da boca lhe sahia um ar tão fino,
Que em vinho convertêra um tigre hyrcano;
Dos ramos tinha c'rôa rutilante
Em que tornou a Daphne seu amante.

XXIII.

Em lagariças, dornas assentados,
Cubertos de mosquitos que voavam,
Os mais bebados são agasalhados,
Sem ordem nem razão se assentavam.
Precedem os menores aos honrados;
E assi uns pelos outros se trocavam:
Quando Francisco alto assi dizendo,
Com tom de voz começa grave e horrendo:

XXIV.

Moradores de donde antigamente
Teve Sertorio casa e certo assento,
Se do grande beber da forte gente
De Baccho não perdeis o pensamento,
Deveis de ter sabido claramente
Como é dos fados grandes certo intento
Que por elles s'esqueçam Castelhanos,
Flamengos, Allemães, Italianos.

XXV.

Já lhe foi, bem o vistes, concedido
A um bebado d'estes mais pequeno
Sogigar Caparica e ter bebido
Toda a terra que rega o Tejo ameno.
Camarate lhe tem obedecido,
Póvos se lhe mostrou brando e sereno;
Para que é mais cansar? cousa é notoria
D'Ourem e Figueiró levaram gloria.

XXVI.

Deixo, bebados, toda a fama antiga
Que lá dentro em Lisboa uns alcançaram,
Quando com dez Tudescos n'uma briga
No nosso officio tanto se afanaram.
Tambem deixo a memoria que os obriga
A grande nome quando se tomaram

C'um soldado Hollandez, c'um Biscainho,
Quando a carga do frasco era só vinho.

XXVII.

Agora vêdes bem que vem bebendo,
E cada qual já traz seu couro leve,
Pelas charnecas sêccas, não temendo
Sequidão dos Pegões, a mais se atreve;
Que havendo tantos já que as partes vendo
Onde o copo comprido tem por breve,
Inclinam seu proposito e porfia
A ver os vinhos que Evora teria.

XXVIII.

Promettido lhe tem Baccho o governo
Da rua das adegas celebrada,
Onde vinhos lhe tem que os de Falerno,
Os do Rhim, ou de Alcache tem em nada.
Bem sabeis que se vem chegando o inverno,
Esta gente vem sêcca e esgotada,
Já parece bem feito que lhe seja
Mostrada Peramanca que deseja.

XXIX.

E porque, como ouvistes, tem passados
Na viagem tão asperos perigos,
Tantosinhos vinhos vinagres esgotados,
Nas Vendas novas, nos Pegões antigos;
Que sejam determino agasalhados
Entre as quintas aqui de seus amigos,
E enchendo cada qual a sua bota
Comecem a seguir sua derrota.

XXX.

Taes palavras Francisco assi dizia,
Quando todos sem ordem respondendo,
Na sentença um do outro differia,
Razões diversas dando e recebendo.
Mas Pero Vaz alli não consentia
No que Francisco disse, conhecendo
Que esqueceria um bebado eminente
Se cá viesse beber aquella gente.

XXXI.

A bebados ouvira que viria
Uma gente de copo tão estranha,
Pela charneca, a qual esgotaria
Tudo quanto Louredo e Lagem banha;
E com beberes novos venceria
A todos os famosos d'Allemanha.

Altamente lhe dóe perder a gloria
Na taça em que de todos tem victoria.

XXXII.

Vê que de Evora teve sogigado
Os bebados e o vinho, e nunca caso
Lhe tirou por insigne ser louvado
Té dos imigos d'agoa do Parnaso.
Teme agora que seja sepultado
Seu tão celebre nome em negro vaso
D'agoa do esquecimento, se lhe chegam
Os bebados insignes que navegam.

XXXIII.

Sustentava contra elle o Catigela,
Afeiçoado á gente bebedana,
Por quantas bebedices vira n'ella,
Jantando em Alcochete uma semana.
Afeiçoado vem da gente bella,
Que por braços os copos tem ufana,
De quem a lingua é tal, se o copo empina,
Que ora parece grega, ora latina.

XXXIV.

Estas cousas se movem em uma cêa
Onde apenas um ao outro s'entende,
Um d'elles tem a vinda em boa estrêa,
Outro ás picheladas a defende;
Assi que um pela infamia que recêa,
E outro pelo gasto que pretende,
Porfiam, arrebessam, permanecem,
A quasquer seus amigos favorecem.

XXXV.

Qual o fervente mosto em talha escura,
Quando a tinta lhe lançam espremida,
Por aqui, por alli sair procura
Com impeto e braveza desmedida;
A adega brame toda co'a fervura,
Bota o bagulho fóra a espuma erguida,
Tal andava o tumulto levantado
Entre um bebado e outro apaixonado.

XXXVI.

Mas um que a esta gente sustentava,
E d'entre todos elles mais bebia,
Ou porque o amor do vinho o obrigava;
Ou porque o seu beber o merecia,
Tremelicando alli se levantava,
Olhando a quem primeiro brindaria;

Um borrachão famoso pendurado,
Trazia ao tiracolo ao esquerdo lado.

XXXVII.

Do pichel a viseira rutilante
Levantada, de vinho branco e puro,
Por dar-lhe de beber a pôz diante
De Francisco com taes armas seguro,
E dando uma pancada penetrante
C'o grande borrachão no sólo duro,
O chão tremeu, e um d'elles de torvado,
Uma gran vez tomou sobre um bocado.

XXXVIII.

E diz: Ó bebado alto, a cujo imperio
Os vinhos obedecem que encerraste,
Se aquelles que em ti buscam refrigerio,
Cujo beber soberbo tanto amaste,
Não queres que padeçam vituperio,
Pois que esta adega hoje lhe mostraste,
Não ouças mais, pois bebado és direito,
A quem em bebedices é suspeito.

XXXIX.

Porque se o copo aqui se não mostrasse
Vencido d'esta gente e infamado,
Bem fôra que aqui Baccho o sustentasse,
Que o territorio seu deixa esgotado,
Mas esta tenção sua agora passe,
Porque em fim vem de estomago danado;
E nunca beba mais vinho de Beja
Quem do beber alheo tem inveja.

XL.

E tu pois que padre és da borracheza,
Não consintas que bebam por canada;
E porque mostres mais tua grandeza,
Com pipas, quartos seja agasalhada:
Tragam-lhe alguns leitões lá da deveza
De conserva azeitona e retalhada,
Sardinha de Liceira que é conforme
Que a sêde se repare e se reforme.

XLI.

Como isto disse o bebado famoso
O grão Francisco ledo consentiu,
E uma taça de vinho mui cheiroso
Logo sobre elles todos esparsiu.
Cada um pelo caminho desgostoso
Da rua das adegas se partiu,

Providos de beber seus instrumentos
Tornaram para os frios aposentos.

XLII.

Em quanto este conselho na famosa
Adega se passou, aquella gente
Pisando a charneca sequiosa
Beber deseja d'Evora a agoa-ardente.
E chegando á Amieira lamarosa,
Onde o caminho vem de Benavente,
Se algum licor trazia de Lyeo,
Sem gota lhe ficar alli o bebeo.

XLIII.

Tão rijamente os odres despejavam
Como em terra que tem de vinho abrigo;
Mas se tanto bebiam confiavam
No Thomé dos Pegões que era amigo.
Á desejada venda já chegavam
Onde os abraça o seu compadre antigo;
E em signal que da vinda se alegrava,
Novos vinhos que tinha lhe mostrava.

XLIV.

Vasco Bagulho que era o capitão
Que ás Bacchanaes venturas se offerece,
De soberbo e altivo borrachão,
A quem fortuna em copo favorece,
Para se aqui deter não vê razão,
Que a terra não dá vinho ao que parece.
Por diante passar determinava
Mas impediu-lh'o o vinho que chegava.

XLV.

Eis que apparece logo em companhia
Uma recova d'asnos de Castella,
Que gran copia de vinho lhe trazia,
Que foi fermosa vista, cousa bella.
Alvoroçam-se todos de alegria,
Desejam já provar a causa d'ella:
Que tal será o vinho alli diziam,
De que logares estes o trariam?

XLVI.

Os seus borrachões eram de maneira
Que pipas pareciam mui compridas,
Agasalha-os com festa a taverneira
Por suas taças ver melhor providas,
O vinho bota em vasos de madeira.
Enchendo do restante as mais medidas.

Senta-se á meza logo em continente,
Para beber tambem com esta gente.

XLVII.

E do que os Castelhanos vem providos
Começam a comer todos sentados,
Que uns d'azeitonas vem apercebidos,
Outros de uns pexinhos bem salgados.
E os que de manjares vem despidos,
Começam a mandar vir alhos assados,
E sobre isto aos outros vão brindando,
Os castelhanos vinhos festejando.

XLVIII.

Estando assi comendo, eis que chegavam
Outros que lhes pediam que esperassem,
Porque para beber desafiavam
Os mais famosos tres que alli se achavam.
Vinho trazem tambem, o qual gavavam,
Pedindo aos assentados que provassem:
Para provar do vinho um fóra salta,
Que no beber aos outros mais se exalta.

XLIX.

Não tem descarregado a agoa-ardente,
Quando o que saltou fóra já bebia;
Começa de gaval-o á sua gente,
Dizendo que parece malvasia.
O tarverneiro então em continente
Tal gente recebeu com alegria.
Enchem vasos de vinho e do que deitam
Os que vem e os que estão nem gota engeitam.

L.

Comendo alegremente perguntavam,
Com lingua onde as palavras se detinham,
D'onde era o licor branco que gostavam
E se vermelho entre elle tambem tinham.
De Castella os marranos lhe tornavam
Que si, e suas mercês de donde vinham?
Disse um d'elles: De junto a Benavente,
Vimos a Evora a beber sómente.

LI.

De Riba-tejo temos já provado
Os vinhos, e as adegas temos visto,
Caparica deixamos esgotado
Molto sudando nel glorioso acquisto.
E de um bebado somos tão amado,
Tão querido de todos e bem quisto,

Que não no largo mar com leda fronte,
Mas de vinho entraremos n'uma fonte.

LII.

E por mandado seu buscando vamos
A terra que Louredo em torno rega,
Depois que os quartos todos esgotamos
Da Telha, Lavradio, Aldea-gallega.
Mas já razão parece que saibamos,
Se entre vós a verdade se não nega,
Quem sois, que vinho é este que buscaes,
E se tendes do d'Evora alguns signaes.

LIII.

Somos, um dos do vinho lhe tornou,
Estrangeiros na terra e na nação,
Que os proprios são aquelles que criou
A terra que sovado come o pão.
A lei cega tivemos que ensinou
Aquelle descendente de Abrahão,
Que vinho não bebeu quente nem frio;
Intendami chi può, che m'intend'io.

LIV.

Esta pequena venda aonde estamos
É de nossa passagem certa escala,
Onde ás vezes taes vinhos nós gostamos,
Que acontece ficar homem sem falla.
E por ser terra esteril procuramos,
Cada vez que passamos, visital-a.
Comem aqui e bebem tanto a pique,
Que prometto que o Fuentes cedo enrique.

LV.

E pois que tantos odres despejaes
Se d'Evora buscaes o vinho ardente,
Guiando-vos irei, té que sejaes
Postos em Monte-mór seguramente,
Onde será bem feito que vejaes
O tridentino André que é o bebente
Que essa terra governa, e que vos veja,
Para que d'alguns vinhos vos proveja.

LVI.

Dizendo isto o Mourisco carregou
Os seus odres, deixando a companhia,
D'ella e do vendeiro se apartou;
Bebe cada um sua vez por cortezia;
Os novos companheiros acceitou
Com mostras de prazer e d'alegria,

Dizendo a cada um que caminhasse,
E quem beber quizesse que o tomasse.

LVII.

A noite se passou na leda frota
Com estranha alegria não cuidada,
Por acharem em terra tão remota
A venda nova d'elles desejada.
Disse o Mourisco alli: Venga la bota!
Na castelhana lingua d'elle usada.
Elles que no beber tanto se esmeram,
A seu mandado logo obedeceram.

LVIII.

Do vinho alegres côres rutilavam
Pelas taças de vidro crystallino;
As velhas azeitonas que lhes davam
Festejam mais que flôres e boninas,
Da venda os taverneiros s'espantavam
Do cheiro e do sabor das agoas finas,
Porém a demais gente não provava
O bom licor que entre esta se brindava.

LIX.

Mas assi como a Aurora marchetada
As fermosas borrachas lhe mostrou
Áquella gente meia atordoada,
Cada qual d'elles sua vez tomou.
Começa a embebedar-se a camarada,
Que de fermosos frascos se adornou,
Para beber com festa e alegria
C'o bebedor da terra que partia.

LX.

Partia alegremente, desejando
De beber já com gentes tão ufanas,
Que por charnecas sêccas caminhando,
Vem a beber em terras Transtaganas.
A borracha que traz vem empinando
Do licor que se vende não com canas.
Já chega, mas sem gota o Tridentino;
E quem sem gota está é bem mofino.

LXI.

Recebem-no alli alegremente,
O Mourisco com sua companhia,
E dá-lhe d'azeitonas um presente,
Que para tal effeito já trazia.
Dá-lhe sardinha frita; salta o ardente
Licor, com que elle tem tanta alegria.

Tudo o Marques contente bem recebe,
Mas triste está com ver que ninguém bebe.

LXII.

Estava o Granadino mui confuso
Com ver que não tem já de vinho nada,
Com que brinde ao bebente, como é uso,
Que para o receber fez tal jornada.
Reprende o companheiro seu abuso,
Pois sequer não deixára uma canada
Para enxaugar a boca ao que trazia
Do fresco Monte-mór a alegre via.

LXIII.

Porque em chegando diz que ver deseja
Do vinho os instrumentos; que não crê
Que tão honrada gente alli esteja,
Sem terem pelo menos agoa-pé.
Mas os outros a quem nada sobeja
Do licor da boa planta de Noé,
Aos vendeiros pedem que alli 'stavam,
Das fundagens que para si guardavam.

LXIV.

E disse um d'elles: pois que em tal sazão
Viemos que entre nós nem gota havia,
Quero-vos dar alguma informação
De nós, em quanto o vinho lá se avia.
Posto que granadino é de nação
Este homem que nos serve aqui de guia,
Perto está de Lisboa a patria nossa,
Buscamos Peramanca amada vossa.

LXV.

Deixamos esgotado todo o imperio
Que Baccho em nossas terras tem visivel;
Vimos correndo agora este hemispherio,
Porque beber por lá não é soffrivel:
E posto que sofframos vituperio,
Por um largo beber tudo é soffrivel:
Que melhor é vergonha em quem bebeu,
Que a dôr por não soffrer q'outrem soffreu.

LXVI.

Porque bastava só vinho infinito,
Que não ha nem gota já na companhia,
Que é tal, e no beber tem tal esp'rito,
Que inda um Tejo de vinho esgotaria.
Se as vasilhas quer ver como tem dito,
Cumprido esse desejo te seria:

Vasias as verás, que eu me obrigo
Que sempre assi 'starão, s'imos contigo.

LXVII.

Isto dizendo mostram diligentes
Os vasos com que apagam as seccuras;
Mostram fermosos frascos e as pendentes
Borrachas que em caminhos são seguras:
Os odres nas medidas differentes,
Cobertos d'encouradas vestiduras:
Outras borrachas trazem por aljavas,
De corno copos grandes, taças bravas.

LXVIII.

Chega n'isto o vendeiro diligente
Com as suas fundagens saborosas;
Bebe d'ellas André alegremente,
Desafiando as gentes tão famosas.
Mas d'entre elles um bebado valente
Responde-lhe que as gentes valerosas
Não sahiam a um; e com razão,
Que é fraqueza entre ovelhas ser leão.

LXIX.

Mas d'isto que André Marques bem notou
E de tudo o que ouviu no copo attento,
Um odio certo n'alma lhe ficou
Uma vontade má de pensamento.
Nas obras e no gesto o não mostrou,
Mas com risonho e ledó fingimento
Tratal-os brandamente determina,
Até que mostrar possa o que imagina.

LXX.

Piloto lhe pedia o capitão
Por quem podesse a Evora ser levado,
Polo qual lhe daria um borrachão
De vinho de Valbom que é extremado.
André lh'o prometeu, mas com tenção
De peito venenoso e tão danado,
Que a morte, se podesse, n'este dia
Em logar de piloto lhe daria.

LXXI.

Tal odio lhe ficou e má vontade
Da resposta que aquelle lhe tornou,
Que agoa lhe ordena dar com falsidade
Em logar do licor que Noé deixou.
Oh que caso cruel! oh que maldade!
Que de uma só palavra que soltou

D'este que elle buscava como amigo
O faz ficar seu perfido inimigo!

LXXII.

Partiu-se n'isto André, sem companhia
Dos bebados que tinha despedido,
Com engano seu e grande cortezia,
O gesto ledado a todos e fingido.
Já sobre seu asninho se subia
Com vinho de que ia apercebido,
E quando se desceu no aposento
Não levava a borracha mais que vento.

LXXIII.

Da rua das adegas o Thebano,
Que da parternal coxa foi nascido,
Olhando o ajuntamento tão ufano,
Ser do seu bom André aborrecido,
No pensamento cuida um falso engano
Com que seja de todo destruido.
E em quanto isto n'alma imaginava
Um borrachão tomando assi fallava.

LXXIV.

Está do Fado já determinado
Que em tantas bebedices tão famosas
Se tenham d'estes bebados achado,
As suas taças sempre victoriosas;
E eu Baccho tão sublime e tão honrado
Bebado, e mais de partes tão honrosas,
Hei de soffrer que o Fado favoreça
Outrem por quem meu copo se escureça?

LXXV.

Já quizeram os Fados que tivesse
Esta genta victoria n'esta parte,
Cujos campos o Tejo reverdece;
E que com tanto vinho não se farte!
Pois não se ha de soffrer que o Fado desse
A tão poucos tamanho esforço e arte,
Que venham beber vinho transtagano,
Abatendo o gran nome do Thebano.

LXXVI.

Não será assi: porque antes que chegado
Seja Vasco Bagulho, astutamente
Lhe será tanto engano fabricado,
Que nunca beba d'Ev'ra o vinho ardente.
A Monte-mór irei, e o indignado
Peito rovolverei do bom bebente:

Porque sempre per via irá direita
Aquelle que no vinho agoa não deita.

LXXVII.

Isto dizendo irado e quasi insano
N'esse Monte-mór fresco se desceu,
Onde tomando a fórma e gesto humano,
Para onde estava o Marques se moveu:
E por melhor tecer o astuto engano,
No gesto natural se converteu
De Talha-manco muito seu valido,
Um Taverneiro velho conhecido.

LXXVIII.

Estando assi bebendo co'elle a horas
Á sua falsidade accommodadas,
Lhe diz como eram gentes roubadoras.
Estas que ora de novo são chegadas,
Que das gentes nas vendas moradoras
Correndo a Fama veio que roubadas
Foram por estes homens que passavam,
Que sob capa de paz sempre ancoravam.

LXXIX.

E sabe mais, lhe diz, como entendido
D'estes bebados tenho bagulhentos,
Que deixam Riba-tejo destruido
Em beber com incendios violentos:
E trazem já de longe o engano urdido
Contra nós; que todos seus intentos
São para os nossos vinhos esgotarem,
E pipas, toneis, quartos, despejarem.

LXXX.

E tambem sei que tem determinado
Da virem buscar vinho aqui mui cedo,
Mas ter-lhe-hemos um tal ardil traçado
Que não cheguem a ver o de Louredo.
Á justiça darás logo recado
Que estes galantes prenda, que sem medo
Pelo caminho roubam, pela estrada,
E só com furtos bebem na jornada.

LXXXI.

E se assi não tivermos d'este feito
Impedido o caminho totalmente,
Eu tenho imaginado no conceito
Outra manha e ardil que te contente.
Manda-lhe aqui dar guia que de geito
Seja astuto no engano e tão prudente,

Que os leve adonde sejam submergidos,
Onde a agoa dê fim a seus sentidos.

LXXXII.

Tanto que estas palavras acabou,
O Tridentino André, bebado velho,
Os braços ao pescoço lhe lançou,
Agradecendo muito o tal conselho.
Em se apartando d'elle concertou
Para os poder prender todo o aparelho,
Com que em puro desgosto lhe tornassem
D'Evora o vinho puro que buscassem.

LXXXIII.

E busca mais para o cuidado engano
Um homem que d'alli com elle mande,
Sagaz, astuto, sabio em todo o dano,
De quem fiar se possa um quarto grande.
Diz-lhe que acompanhando o Alcochetano
Por ribeiras, por charcos com elle ande,
Que se d'aqui passar, que lá adiante
Vá cahir onde nunca se levante.

LXXXIV.

Já o carro d'Apollo caminhava
Pelo nosso horizonte, quando erguido
O bom Vasco c'os seus determinava
De vir por vinho á terra apercebido.
Os borrachões a gente desatava,
Corre-se cada qual não ter bebido;
E do que á venda veio novamente
Beberam todos logo em continente.

LXXXV.

Assi se vem chegando junto á terra
Para tomar o vinho necessario;
Mas o Marques o vinho todo encerra
Só pelo não beber o seu contrario.
Porém Vasco Bagulho que não erra
Em não se fiar d'este adversario,
Apercebido vem como podia
E entra em Monte-mór com alegria.

LXXXVI.

O grão Marques que o vê logo desmaia,
Diz á Justiça que ande aparelhada
De pistolete, chuça e azagaia,
De rodela, de casco e boa espada;
E que em dando recado logo saia,
Porque tome esta gente atordoadá.

E para que melhor isto se faça
Vae-se beber com elles per negaça.

LXXXVII.

Bebendo André co'a gente sequiosa,
Andam os beleguins fóra espreitando,
E co'a chuça e azagaia perigosa
Ao Marques se entraram acenando.
Mas a gula que estava desejosa
De beber, sem recado vão entrando.
Qualquer se lança ao copo tão ligeiro,
Que nenhum dizer póde que é primeiro.

LXXXVIII.

Qual pobre ajuntamento d'estudante
De quatro, cinco ou seis de camarada
Que vê que é pouco o vinho e não bastante,
Que ha para todos só uma canada;
Qualquer d'elles pertende andar diante,
Por lhe não tocar vez esfarrapada:
Tal pressa ha nos de fóra e nos da terra,
Mas todos se vão já chegando á serra.

LXXXIX.

Eis no estomago o fumo se levanta
Da furiosa e quente companhia,
Que de tal modo bebem que se encanta
O vendeiro que o vinho lhes vendia.
A multidão dos fumos era tanta
Do vinho que á cabeça lhes subia,
Que logo o Alcaide foge de medroso,
De que o Marques ficou mui desgostoso.

XC.

Não deixam os que ficam sua empreza,
Mas o muito que bebem mal os trata,
Que se o beber tomavam por defeza,
Esse mesmo beber os desbarata.
Alegres ficam todos sem tristeza,
Já julgam a amizade por barata,
E trocam seus enganos á porfia
Pelo amor que do vinho lhes nascia.

XCI.

Vae-se cada um a casa retirando,
Porque quer vomitar muito apressado;
Quem arrota, e alli vae engulhando,
Na boca mette a mão desatinado.
O vendeiro fugiu, desamparando
A venda, do beber amedrontado;

Gloriam-se os que ficam do seu braço
Que a tantos afugenta em breve espaço.

XCII.

Uns deixam por alli suas espadas,
Dos outros quem a leva não o sente;
Quem se deixa cair ás tres passadas,
Quem bebe o vinho e o deita juntamente.
Arrombam as medidas ás pancadas,
Á parede se arruma o mais valente;
Assim que a gente d'antes inimiga
Com tão alto beber se torna amiga.

XCIII.

Passando isto, fica a camarada
Com gosto de haver feito tal empreza;
Manda logo fazer de vinho agoada,
Porque d'alli não quer outra riqueza.
Ficou a alma do Marques magoada,
No odio antigo mais que nunca acceza;
E vendo sem vingança tanto dano,
Sómente estriba no segundo engano.

XCIV.

Torna-se a elles, tendo-a já cozido,
Levando alguns refrescos que ha na terra,
Com um frasco de vinho mui comprido,
Mas sob capa de paz armado em guerra.
Piloto lhe offerece conhecido,
Dizendo que em taes vias jámais erra,
Com o qual se fizesse o que esperava,
Que a Evora os levaria confiava.

XCv.

O gran Vasco Bagulho, a quem convinha
Fazer já seu caminho desejado,
Que Borrachões não poucos cheos tinha,
Para buscar Louredo tão amado;
Recebendo o piloto que lhe vinha,
Foi d'elle alegremente agasalhado.
Despede-se com gran contentamento,
C'o guia, sem saber o falso intento.

XCvI.

Dest'arte despedida a gente honrada,
Começou a seguir o falso guia.
Não tinham meia legoa bem andada,
Quando do bom caminho se desvia.
O bom Vasco que não cahia em nada
Do grande engano que este tal lhe urdia,

D'elle mui largamente se informava
A que parte Louredo lhe ficava.

XCVII.

Mas o guia instruido nos enganos
Que o malvado do Marques lh'ensinára,
Leva-os por partes onde crueis danos
E morte em fim em agoas lhe prepara.
Diz-lhes que vão contentes, vão ufanos,
Que mui prestes verão a terra cara;
Porque elle caminhava por tal via,
Que cedo a Peramanca os levaria.

XCVIII.

E diz-lhes mais, com falso pensamento,
Que esta via por mais breve tomou,
Posto que um rio tem, mas sem tormento
E sem perigo sempre se passou.
O Bagulho que a tudo estava attento,
Muito com estas novas se alegrou;
E com grandes copadas lhe rogava
Os levasse por donde o porto estava.

XCIX.

O falso guia, porque determina
Dar-lhe porto, mas não qual elle pede,
Posto em Rio Marinho lh'o imagina
N'um pégo que em altura os mais excede.
Aqui o engano e a morte lhe maquina,
Para que tal beber com pressa véde;
E para o porto verem logo os chama
Onde lhe arma perderem vida e fama.

C.

Já para lá inclina a leda frota
E em chegando ao rio da cilada,
Um descalça o sapato, o outro a bota,
Para ir buscar a morte não cuidada.
Chega um bebado n'isto, que remota
Lhe parece esta gente e enganada,
E com duras palavras reprehendia
D'entrarem em tal pégo a ousadia.

Cl.

Mas o malvado guia conhecendo
Ser manifesto o engano, n'um instante,
Se vae por uns outeiros acolhendo,
Corrido de não ir a sua ávante.
Os outros que ficavam 'stão tremendo,
Cuidando qu'inda o engano era diante;

Mas o que os tirou d'elle, mui contente
Lhes diz que irá com elles juntamente.

CII.

Ficam todos então com alegria,
Bebem e dão de beber ao que os guiava.
Um olha para o ceo, e diz que via
Mais luas do que d'antes costumava.
Duas luas a mi, Senhor, dizia,
Ao Mouro, ao infiel que vos aggrava.
Outro a um tronco diz; bebei, Senhora,
Senão deitar-vos-hei os olhos fóra.

CIII.

E tendo esta ribeira já passada,
Onde os quiz afogar o falso guia,
A torre appareceu n'uma assomada
Onde matou Giraldo a má vigia.
Á mão direita fica situada
Uma povoação de que bebia
A gente principal da nossa idade,
Peramanca é o nome da cidade.

CIV.

E sendo o capitão aqui chegado
Estranhamente ledô, porque espera
De ser alli mui bem agasalhado
Dos refrescos que ha n'aquella terra:
Eis vem frascos de vinho com recado
De Diogo que sabe a gente que era,
Porque Baccho já d'antes o avisára
Que de bom vinho alli os regalára.

CV.

Agasalha-os a todos como amigos;
Preza-se já cada um de fallar certo,
Dando conta de todos os perigos,
Que em caminho passaram tão desertos.
Não curam de lhe dar uvas nem figos,
Mas o licor que deixa o olho esperto.
Quer imitar cada um o gran Barbança
Que pôz n'este licor sua esperança.

CVI.

Aqui já vem tomar, livre d'engano
Anda esta gente pouco conhecida,
E debaixo de um vil e pobre panno
Tão alta bebedice anda escondida,
Quem bebe vinho velho, quem d'este anno,
D'um e d'outro s'entorna sem medida.

E assi favoreceu o Ceo sereno
A quem deixou por vinho o seu terreno.

FIM.

*** END OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK PARÓDIA AO PRIMEIRO CANTO DOS LUSÍADAS DE CAMÕES POR QUATRO ESTUDANTES DE ÉVORA EM 1589 ***

Updated editions will replace the previous one—the old editions will be renamed.

Creating the works from print editions not protected by U.S. copyright law means that no one owns a United States copyright in these works, so the Foundation (and you!) can copy and distribute it in the United States without permission and without paying copyright royalties. Special rules, set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to copying and distributing Project Gutenberg™ electronic works to protect the PROJECT GUTENBERG™ concept and trademark. Project Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you charge for an eBook, except by following the terms of the trademark license, including paying royalties for use of the Project Gutenberg trademark. If you do not charge anything for copies of this eBook, complying with the trademark license is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose such as creation of derivative works, reports, performances and research. Project Gutenberg eBooks may be modified and printed and given away—you may do practically ANYTHING in the United States with eBooks not protected by U.S. copyright law. Redistribution is subject to the trademark license, especially commercial redistribution.

START: FULL LICENSE

THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE

PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR USE THIS
WORK

To protect the Project Gutenberg™ mission of promoting the free distribution of electronic works, by using or distributing this work (or any other work associated in any way with the phrase “Project Gutenberg”), you agree to comply with all the terms of the Full Project Gutenberg™ License available with this file or online at www.gutenberg.org/license.

Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg™ electronic works

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg™ electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to and accept all the terms of this license and intellectual property (trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy all copies of Project Gutenberg™ electronic works in your possession. If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project Gutenberg™ electronic work and you do not agree to be bound by the terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. “Project Gutenberg” is a registered trademark. It may only be used on or associated in any way with an electronic work by people who agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few things that you can do with most Project Gutenberg™ electronic

works even without complying with the full terms of this agreement. See paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project Gutenberg™ electronic works if you follow the terms of this agreement and help preserve free future access to Project Gutenberg™ electronic works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation (“the Foundation” or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project Gutenberg™ electronic works. Nearly all the individual works in the collection are in the public domain in the United States. If an individual work is unprotected by copyright law in the United States and you are located in the United States, we do not claim a right to prevent you from copying, distributing, performing, displaying or creating derivative works based on the work as long as all references to Project Gutenberg are removed. Of course, we hope that you will support the Project Gutenberg™ mission of promoting free access to electronic works by freely sharing Project Gutenberg™ works in compliance with the terms of this agreement for keeping the Project Gutenberg™ name associated with the work. You can easily comply with the terms of this agreement by keeping this work in the same format with its attached full Project Gutenberg™ License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in a constant state of change. If you are outside the United States, check the laws of your country in addition to the terms of this agreement before downloading, copying, displaying, performing, distributing or creating derivative works based on this work or any other Project Gutenberg™ work. The Foundation makes no representations concerning the copyright status of any work in any country other than the United States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate access to, the full Project Gutenberg™ License must appear prominently whenever any copy of a Project Gutenberg™ work (any work on which the phrase “Project Gutenberg” appears, or

with which the phrase “Project Gutenberg” is associated) is accessed, displayed, performed, viewed, copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

1.E.2. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is derived from texts not protected by U.S. copyright law (does not contain a notice indicating that it is posted with permission of the copyright holder), the work can be copied and distributed to anyone in the United States without paying any fees or charges. If you are redistributing or providing access to a work with the phrase “Project Gutenberg” associated with or appearing on the work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the Project Gutenberg™ trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is posted with the permission of the copyright holder, your use and distribution must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked to the Project Gutenberg™ License for all works posted with the permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg™ License terms from this work, or any files containing a part of this work or any other work associated with Project Gutenberg™.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this electronic work, or any part of this electronic work, without prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with

active links or immediate access to the full terms of the Project Gutenberg™ License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary, compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form, including any word processing or hypertext form. However, if you provide access to or distribute copies of a Project Gutenberg™ work in a format other than “Plain Vanilla ASCII” or other format used in the official version posted on the official Project Gutenberg™ website (www.gutenberg.org), you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon request, of the work in its original “Plain Vanilla ASCII” or other form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg™ License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying, performing, copying or distributing any Project Gutenberg™ works unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing access to or distributing Project Gutenberg™ electronic works provided that:

- • You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from the use of Project Gutenberg™ works calculated using the method you already use to calculate your applicable taxes. The fee is owed to the owner of the Project Gutenberg™ trademark, but he has agreed to donate royalties under this paragraph to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments must be paid within 60 days following each date on which you prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax returns. Royalty payments should be clearly marked as such and sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the address specified in Section 4, “Information about donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation.”
- • You provide a full refund of any money paid by a user who notifies you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he does not agree to the terms of the full Project Gutenberg™

License. You must require such a user to return or destroy all copies of the works possessed in a physical medium and discontinue all use of and all access to other copies of Project Gutenberg™ works.

- • You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the electronic work is discovered and reported to you within 90 days of receipt of the work.
- • You comply with all other terms of this agreement for free distribution of Project Gutenberg™ works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg™ electronic work or group of works on different terms than are set forth in this agreement, you must obtain permission in writing from the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the manager of the Project Gutenberg™ trademark. Contact the Foundation as set forth in Section 3 below.

1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread works not protected by U.S. copyright law in creating the Project Gutenberg™ collection. Despite these efforts, Project Gutenberg™ electronic works, and the medium on which they may be stored, may contain “Defects,” such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the “Right of Replacement or Refund” described in paragraph 1.F.3, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project Gutenberg™ trademark, and any other party distributing a Project Gutenberg™ electronic work under this agreement, disclaim all liability to you for damages, costs and expenses, including legal fees. YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT LIABILITY, BREACH OF

WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE PROVIDED IN PARAGRAPH 1.F.3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE OR INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH DAMAGE.

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a defect in this electronic work within 90 days of receiving it, you can receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a written explanation to the person you received the work from. If you received the work on a physical medium, you must return the medium with your written explanation. The person or entity that provided you with the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a refund. If you received the work electronically, the person or entity providing it to you may choose to give you a second opportunity to receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy is also defective, you may demand a refund in writing without further opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth in paragraph 1.F.3, this work is provided to you 'AS-IS', WITH NO OTHER WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO WARRANTIES OF MERCHANTABILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages. If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone providing copies of Project Gutenberg™ electronic works in accordance with this agreement, and any volunteers associated with the production, promotion and distribution

of Project Gutenberg™ electronic works, harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees, that arise directly or indirectly from any of the following which you do or cause to occur:

(a) distribution of this or any Project Gutenberg™ work, (b) alteration, modification, or additions or deletions to any Project Gutenberg™ work, and (c) any Defect you cause.

Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg™
Project Gutenberg™ is synonymous with the free distribution of electronic works in formats readable by the widest variety of computers including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the assistance they need are critical to reaching Project Gutenberg™'s goals and ensuring that the Project Gutenberg™ collection will remain freely available for generations to come. In 2001, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure and permanent future for Project Gutenberg™ and future generations. To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4 and the Foundation information page at www.gutenberg.org.

Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non-profit 501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal Revenue Service. The Foundation's EIN or federal tax identification number is 64-6221541. Contributions to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's business office is located at 809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887. Email contact links and up to date contact information can be found at the Foundation's website and official page at www.gutenberg.org/contact

Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

Project Gutenberg™ depends upon and cannot survive without widespread public support and donations to carry out its mission of increasing the number of public domain and licensed works that can be freely distributed in machine-readable form accessible by the widest array of equipment including outdated equipment. Many small donations (\$1 to \$5,000) are particularly important to maintaining tax exempt status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating charities and charitable donations in all 50 states of the United States. Compliance requirements are not uniform and it takes a considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up with these requirements. We do not solicit donations in locations where we have not received written confirmation of compliance. To SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any particular state visit www.gutenberg.org/donate. While we cannot and do not solicit contributions from states where we have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition against accepting unsolicited donations from donors in such states who approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make any statements concerning tax treatment of donations received from outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff. Please check the Project Gutenberg web pages for current donation methods and addresses. Donations are accepted in a number of other ways including checks, online payments and credit card donations. To donate, please visit: www.gutenberg.org/donate.

Section 5. General Information About Project Gutenberg™ electronic works

Professor Michael S. Hart was the originator of the Project Gutenberg™ concept of a library of electronic works that could be freely shared with anyone. For forty years, he produced and distributed Project Gutenberg™ eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg™ eBooks are often created from several printed editions, all of which are confirmed as not protected by copyright in the U.S. unless a copyright notice is included. Thus, we do not

necessarily keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our website which has the main PG search facility: www.gutenberg.org.

This website includes information about Project Gutenberg™, including how to make donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.